

PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO PLANETÁRIA E TRANSFORMAÇÕES GLOBAIS

EDUCAÇÃO ESPECIAL NO SÉCULO XXI: PRÁTICAS INCLUSIVAS, TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E DESAFIOS NO ATENDIMENTO A ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Valéria Camaçari Santana Peres¹

INTRODUÇÃO

A Educação Especial no século XXI tem se configurado como um campo marcado por transformações significativas, impulsionadas pelo avanço das políticas inclusivas e pelo reconhecimento do direito à educação para todos. O paradigma da inclusão escolar desloca o foco do déficit para a valorização das diferenças. Segundo Mantoan (2015), “incluir é reconhecer e valorizar a diversidade humana como condição para o aprendizado” (p. 27), reforçando o papel da escola como espaço plural.

Nesse cenário, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) ganha destaque nas discussões educacionais, devido ao aumento dos diagnósticos e à necessidade de práticas pedagógicas específicas. O TEA caracteriza-se por desafios na comunicação, interação social e padrões comportamentais repetitivos. Conforme DSM-5-TR (APA, 2022), “o espectro autista apresenta níveis variados de suporte necessários” (p. 56), o que exige respostas educacionais individualizadas.

A inclusão de estudantes com TEA no ensino regular demanda reorganização curricular, metodológica e atitudinal. Não se trata apenas de acesso físico à escola, mas de participação efetiva no processo de aprendizagem. Para Glat e Pletsch (2019), “a inclusão escolar pressupõe mudanças profundas na cultura e nas práticas escolares” (p. 44), destacando a complexidade desse processo.

Além disso, o avanço das tecnologias educacionais tem ampliado as possibilidades de atendimento aos estudantes com TEA. Recursos digitais, softwares educativos e tecnologias assistivas surgem como aliados na promoção da aprendizagem e da autonomia. Segundo Bersch (2017), “a tecnologia educacional pode reduzir barreiras e potencializar habilidades” (p. 61), tornando-se elemento central na Educação Especial contemporânea.

¹ Professora de Língua Portuguesa e Inglês; Funcionária Pública do Estado de São Paulo/Brasil. Pós-Graduada pela Universidade do Estado de São Paulo - UNESP/Campus Marília.

DESENVOLVIMENTO

As práticas inclusivas voltadas aos estudantes com TEA devem considerar suas especificidades cognitivas, sensoriais e emocionais. Estratégias pedagógicas estruturadas, previsíveis e visuais tendem a favorecer o engajamento desses estudantes. Conforme Orrú (2020), “a organização do ambiente e da rotina é fundamental para a aprendizagem do aluno com autismo” (p. 73), contribuindo para a segurança emocional.

A flexibilização curricular constitui um dos principais pilares da inclusão escolar. A adaptação de conteúdos, objetivos e avaliações permite respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem. De acordo com Pletsch (2021), “o currículo inclusivo não reduz expectativas, mas amplia possibilidades” (p. 58), rompendo com modelos homogêneos de ensino.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) desempenha papel fundamental no apoio aos estudantes com TEA, complementando o ensino da sala regular. Esse atendimento deve articular-se com o currículo comum e com a equipe escolar. Segundo Brasil (2020), “o AEE visa eliminar barreiras que impedem a plena participação dos estudantes” (p. 19), reforçando sua função pedagógica.

No contexto das tecnologias educacionais, destacam-se recursos como aplicativos de comunicação alternativa, jogos digitais e plataformas interativas. Essas ferramentas favorecem o desenvolvimento da linguagem, da atenção e das habilidades sociais. Conforme Valente (2014), “as tecnologias digitais ampliam as formas de representação e expressão do conhecimento” (p. 92), beneficiando estudantes com TEA.

A tecnologia assistiva também assume papel relevante no atendimento educacional desse público. Pranchas de comunicação, softwares de apoio visual e dispositivos adaptados contribuem para a autonomia do estudante. Bersch (2017) afirma que “a tecnologia assistiva promove funcionalidade e participação” (p. 34), alinhando-se aos princípios da inclusão.

Entretanto, a efetivação dessas práticas enfrenta desafios relacionados à formação docente. Muitos professores ainda se sentem inseguros para trabalhar com estudantes com TEA. Segundo Mantoan (2015), “não há inclusão sem formação continuada” (p. 81), evidenciando a necessidade de investimentos institucionais.

Outro desafio refere-se à articulação entre escola, família e profissionais da saúde. O trabalho colaborativo favorece intervenções mais consistentes e coerentes. Orrú (2020) destaca que “a parceria entre escola e família fortalece o desenvolvimento do estudante com autismo” (p. 104), promovendo continuidade nas ações educativas.

Além disso, a falta de recursos materiais e humanos em muitas escolas compromete a implementação de práticas inclusivas. A desigualdade estrutural ainda é um entrave significativo. Conforme Glat e Pletsch (2019), “a inclusão escolar esbarra em limites impostos pelas condições concretas das instituições” (p. 97), revelando a necessidade de políticas públicas efetivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de estudos recentes evidencia que práticas inclusivas bem planejadas promovem avanços significativos na aprendizagem e no desenvolvimento social de estudantes com TEA. Observa-se maior participação em atividades escolares e melhoria nas interações sociais. Pletsch (2021) ressalta que “a inclusão bem conduzida beneficia todos os estudantes” (p. 112), não apenas aqueles com deficiência.

Os resultados indicam que o uso de tecnologias educacionais potencializa o processo de ensino e aprendizagem, especialmente quando integrado ao planejamento pedagógico. Recursos digitais favorecem a motivação e a personalização do ensino. Segundo Valente (2014), “a tecnologia permite adaptar o ensino às necessidades individuais” (p. 118).

No âmbito do AEE, observa-se que a atuação articulada com a sala comum contribui para melhores resultados educacionais. A troca de informações entre professores favorece intervenções mais eficazes. Conforme Brasil (2020), “a articulação pedagógica é condição para a inclusão escolar” (p. 26).

Por outro lado, persistem desafios relacionados à resistência cultural e à falta de compreensão sobre o TEA. Atitudes preconceituosas e práticas excludentes ainda estão presentes no cotidiano escolar. Glat e Pletsch (2019) afirmam que “a inclusão é um processo em construção” (p. 131), demandando mudanças contínuas.

A discussão evidencia que a inclusão de estudantes com TEA não depende apenas de recursos tecnológicos, mas de uma concepção pedagógica comprometida com a diversidade. Mantoan (2015) destaca que “a inclusão é antes de tudo uma escolha ética” (p. 99), reforçando seu caráter político e social.

CONCLUSÃO

A Educação Especial no século XXI enfrenta desafios complexos no atendimento a estudantes com Transtorno do Espectro Autista, mas também apresenta avanços significativos. As práticas inclusivas, quando articuladas às tecnologias educacionais, contribuem para a construção de ambientes escolares mais acessíveis e equitativos. Conforme Orrú (2020), “educar na diversidade é reconhecer o potencial de cada sujeito” (p. 141).

A formação docente contínua, o fortalecimento do AEE e o uso crítico das tecnologias educacionais são elementos centrais para a efetivação da inclusão. A escola inclusiva exige planejamento, colaboração e compromisso institucional. Segundo Pletsch (2021), “a inclusão é um processo coletivo e permanente” (p. 149).

Por fim, destaca-se a necessidade de políticas públicas que garantam condições reais para o atendimento aos estudantes com TEA. A promoção de uma educação inclusiva depende da articulação entre práticas pedagógicas, recursos tecnológicos e valorização da diversidade, assegurando o direito à educação de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

American Psychiatric Association. (2022). *DSM-5-TR: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed.

Bersch, R. (2017). *Tecnologia assistiva e educação inclusiva*. Porto Alegre: Assistiva.

Brasil. (2020). *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC.

Glat, R., & Pletsch, M. D. (2019). *Inclusão escolar de alunos com deficiência*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Mantoan, M. T. E. (2015). *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Summus.

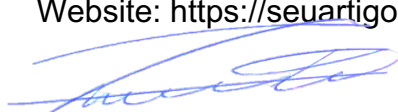
Orrú, S. E. (2020). *Educação de alunos com autismo*. Petrópolis: Vozes.

Pletsch, M. D. (2021). *Educação especial e inclusão escolar*. São Paulo: Cortez.

Valente, J. A. (2014). *Tecnologias digitais, educação e inclusão*. Campinas: Unicamp.

Prof.ª Dra. Cássia S. de C.
Ribeiro
160.244.725.18

Prof. Dra.
Revista PHILOS
Website: <https://seuartigo.com.br/>



Junior Peres
Coordenação Geral
Congresso Internacional em
Educação Planetária
CNPJ: 45774153000124

